

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TECHNICOLOR: O ESPLENDOR DA COR
19 de agosto de 2023

FANTASIA / 1940

(*Fantasia*)

um filme de **Walt Disney**

Direcção geral do filme: Joe Grant e Dick Huemer / **Direcção Musical:** Edward H. Plumb
/ **Montagem:** Stephen Caillag.

1º segmento: *Tocata e Fuga em Ré Menor* de Johann Sebastian Bach, orquestrado e re-arranjado por Leopold Stokowski / Direcção: Samuel Armstrong / Animação: Cy Young, Art Palmer, Daniel MacManus, George Rowley, Edwin Aardal, Joshua Meador e Cornett Wood.

2º segmento: *Suite "Quebra-Nozes"* de Peter Ilich Tchaikowsky, em arranjo de Leopold Stokowski / Direcção: Samuel Armstrong / Animação: Arthur Babbitt, Les Clark, Don Lusk e Cy Young / Desenhadores dos personagens: John Walbridge, Elmer Plummer e Ethel Kulsar.

3º segmento: *O Aprendiz de Feiticeiro* de Paul Dukas, em arranjo de Leopold Stokowski / Direcção: James Alger / Animação: Fred Moore e Vladimir Tytla.

4º segmento: *A Sagração da Primavera* de Igor Stravinsky, em arranjo de Leopold Stokowski / Direcção: Bill Roberts e Paul Satterfield / Animação: Wolfgang Reitherman e Joshua Meador.

5º segmento: *Sinfonia nº 6, em Fá Maior, "Pastoral"*, de Ludwig van Beethoven, em arranjo de Leopold Stokowski / Direcção: Hamilton Luske, Jim Hendley e Ford Beebe / Animação: Fred Moore, Ward Kimball, Eric Larson, Arthur Babbitt, Oliver M. Johnston Jr. e Don Towsley / Desenhadores dos personagens: James Brodero, John P. Miller e Lorna S. Söderström.

6º segmento: *A Dança das Horas* da ópera *La Gioconda* de Amilcare Ponchielli, em arranjo de Leopold Stokowski / Direcção: T. Hee e Norman Ferguson / Animação: Norman Ferguson / Desenhadores dos personagens: Martin Provensen, James Brodero, Duke Russell e Earl Hurd.

7º segmento: *Uma Noite no Monte Calvo* de Modest Mussorgsky e *Ave-Maria* de Franz Schubert, em arranjo de Leopold Stokowski e Rachel Field / Direcção: Wilfred Jackson / Animação: Vladimir Tytla / Voz solista (no "Ave Maria"): Julietta Novis.

Música executada pela Orquestra de Filadélfia, sob a direcção de Leopold Stokowski / Narrador: Deems Taylor.

Produção: Walt Disney para Walt Disney Productions / **Distribuição:** RKO Radio Pictures (à época da estreia) e, actualmente, Buena Vista / **Cópia:** dcp, technicolor, legendado eletronicamente em português, 124 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinema Tivoli, a 16 de Março de 1942 / Reposições comerciais nas décadas de 60 e 70.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

A enorme ficha técnica deste filme inclui alguns dos nomes fundamentais, da história do desenho animado americano (ou mundial) como Arthur Babbitt, Wolfgang Reitherman, Joshua Meador ou Vladimir Tytla. No entanto, se há um autor deste filme (onde mais de mil pessoas trabalharam dia e noite durante dois anos) é Walt Disney. E se tivéssemos que escolher um co-autor, não seria Babbitt (a quem devemos coisas tão espantosas como a *Valsa das Flores* ou a *Dança dos Cogumelos* do *Quebra-Nozes* de Tchaikowsky) nem Blair ou Moore que conceberam as peripécias do Rato Mickey no *Aprendiz de Feiticeiro*, nem o «Miguel Angelo da animação», como se chamou a Tytla, criador do inferno em *Noite do Monte Calvo*. Teria que ser Leopold Stokowski (1882-1977), o lendário fundador da Orquestra de Filadélfia, que dirigiu de 1917 a 1962.

A história de FANTASIA – o projecto que Disney mais amou e o que mais ácidas críticas lhe valeu – começou em 1957, quando Disney convidou Stokowski para dirigir a partitura de Dukas *O Aprendiz de Feiticeiro*, em mais uma das famosas curtas-metragens do Rato Mickey, Stokowski aderiu imediatamente, mas, pouco depois, concebeu algo de mais ousado: porque não fazer uma longa-metragem “visualizando” uma série de obras musicais e não apenas *O Aprendiz de Feiticeiro*? Disney hesitou durante muito tempo e quis ouvir conselhos. Discutiu o assunto com o grande pintor dinamarquês Kay Nielsen e com Oskar Fischinger, o maior representante da escola de animação alemã, então exilado na América (fora o autor dos “filmes absolutos” dos anos 20 – ESTUDO I e ESTUDO II e da belíssima KOMPOSITION IN BLAU que já trabalhava a ideia de criar interpretações visuais abstractas da poesia e da música).

Qualquer deles animou Disney (passe a expressão) a seguir a proposta. E tanto um como o outro começaram a pintar – pinturas abstractas – que esperariam de Stokowski uma ideia musical. Quando este viu o que tinham feito, sugeriu uma música igualmente “abstracta”: Bach e a *Tocata e Fuga em Ré Maior* que (na versão por ele orquestrada) tanto contribuirá para divulgar na América.

E o resto do filme foi surgindo, igualmente, de ideias visuais. Por exemplo, Disney pretendia um “segmento” (prefiro chamar-lhes assim do que sequências) que sugerisse a criação do mundo, com vulcões, terramotos e inundações, Stokowski propôs-lhe *A Sagração da Primavera* de Stravinsky (à altura, também a viver na América, e único compositor vivo representado no filme). A mesma coisa em todos os outros casos: ideias ou imagens visuais de Disney e dos seus colaboradores, ideias ou imagens sonoras de Stokowski. E assim, o único segmento musical do filme, cuja paternidade não pertence ao maestro é *O Aprendiz de Feiticeiro* (aliás, também, a única peça que a Orquestra de Filadélfia não gravou, pois Stokowski já a trabalhara com os músicos de Disney).

A pouco e pouco, o filme foi-se tornando uma autêntica obsessão para o autor da BRANCA DE NEVE, convicto que atingia ou atingiria a sua expressa cimeira e um ponto culminante na história da arte. Interveio em tudo (nomeadamente, modificou a tal ponto as pinturas originais de Nielsen e Fischinger que estes se recusaram a ter o nome no genérico). Por seu lado, Stokowski permitiu-se com a música aberrantes liberdades, omitiu os dois primeiros andamentos do *Quebra-Nozes*, alterou a ordem original dos outros, modificou todos os tempos da Postord e fez ribombar Mussorgsky com timbres totalmente alheios à partitura.

Em fins de 39 (quando a guerra rebentou) o filme orçamentado em dois milhões de dólares (custo da BRANCA DE NEVE) já estava em perto de quatro, quantia astronómica para a época. Ainda por cima, Disney exigia que a obra só fosse projectada em salas com equipamento sonoro especial (o chamado Fantosound, que só por si custou 400.000 dólares). A duração já rondava as 2 horas, e Disney e Stokowski queriam ainda mais (sabe-se, por exemplo, que chegou a ser filmado e gravado o *Clair de Lune* de Debussy). Mas com a recessão provocada pela guerra e a perda dos mercados europeus, apoderou-se o pânico dos estúdios e de toda a gente com capitais envolvidos. Se Disney queria esperar, os financiadores não. Propalou-se

mesmo que Disney já tinha investido no filme mais do que ganhara com a BRANCA DE NEVE e que a situação dos seus empregados estava ameaçada. O resultado foi uma greve, que tornou tudo pior.

Sob pressão, Disney estreou FANFASIA (título escolhido em cima da hora, para o que até aí designara sempre como "*Concert Feature*") a 15 de Novembro de 1940, numa versão que tinha apenas 88 minutos (a duração da FANTASIA, tem aliás variado com as reposições, "descendo" nuns casos a 77 e "subindo" noutros a 120). E já no temor da recepção, contratou, em 1940 Deems Taylor (uma das vozes mais populares da América) para servir de narrador.

Confirmaram-se as piores previsões: da parte do seu público mais fiel (as crianças) enorme bocejo: só o aprendiz de feiticeiro e o Rato Mickey as conseguiram manter em silêncio. Da parte de artistas e intelectuais, os piores sarcasmos quando não a mais viva indignação: que salada era aquela onde se misturava Ponchielli e Bach, Mussorgsky e Schubert, Beethoven e Stravinsky, ainda por cima com tudo "errado"? Que imaginário era aquele, onde cupidos e centauros voavam ao som da *Pastoral*, o inferno "ilustrava" a *Noite no Monte Calvo* e apareciam as mais bizarras combinações de estilos? Tudo parecia o mais completo dos disparates e FANTASIA foi (à época) o maior malogro comercial de Disney. Quando este morreu em (66), o filme era a única obra dos seus estúdios com saldo negativo, apesar das reposições feitas em 44, 46, 53, 56 e 63. Nunca conseguiu cumprir o seu sonho de acrescentar à FANTASIA novos "segmentos" (a *Cavalgada das Valquírias* de Wagner ou o *Pedro e o Lobo* de Prokofieff, por exemplo). E nunca conseguiu cumprir o que anunciou ao público na noite da estreia; «From time to time the order and selection of compositions on this program may be changed».

Nas reposições de 44 e 46 (e regra geral, quando o filme chegou a Europa, que o não pudera ver nos anos de guerra) o criticismo subiu de tom. E houve quem dissesse que o princípio, com Stokowski e a orquestra filmada em contra-*plongé*, em silhueta e com efeitos luminosos, parecia exactamente copiada dum filme que Leni Riefenstahl fizera à glória de Hitler. «Aqueles músicos» – escreveu Le Baron – «são filmados como heróis, como os atletas espartanos de Riefenstahl. E a formação das nuvens, que vemos a seguir para destacar Stokowski, é igual à emergência de Hitler no princípio do TRIUNFO DA VONTADE. É estranhíssimo que tais imagens tenham saído dos estúdios de Hollywood». A *Ave-Maria* final não foi recebida com menos azedume, «convencional invocação de religiosidade», «pieguice reaccionária insuportável». E falou-se que Stravinsky ia mover um processo, e disse-se, – preto no branco – que nunca a música e o cinema tinham sido tão ofendidos.

Curiosíssimamente, o tempo levou a uma rotação de 360% a tal recepção. Quando FANTASIA foi de novo reposta em 69, a geração desses anos, descobriu no filme um lado alucinatório e alucinogéneo e, num ano, rendeu mais do que rendera em 30. Na *Life* (em 1970), William Zinsser escreveu que «Disney is giving us a sensory experience, America's first acid happening». E FANTASIA tornou-se um *cult movie* e é, hoje, genericamente, a mais prezada das obras de Disney. Houve mesmo um momento, em que os estúdios entraram em pânico, quando o cheiro a "erva" nas salas entrava pelo nariz do mais entupido e chegaram a advertir os exibidores que tivessem cuidado com os espectadores, que só lá iam para «fumar erva e oferecer 'passas' ao Mickey Mouse».

Em Portugal, nunca se chegou, a um extremo nem a outro, já que a estreia (em 42) ocorreu antes do mais azedo criticismo e a última reposição foi tardia para a geração psicadélica. Mas a história deste filme, vale este espaço, que só me deixa um bocadinho para dizer de minha justiça.

E direi apenas isto, curioso em conhecer as reacções a esta nova versão:

(a) Para a história do musical americano, FANTASIA, como as muito anteriores *Silly Symphonies* (de 29 a 34) ou a dança dos elefantes cor-de-rosa do DUMBO (1941) parece-me tão

importante como os contributos de Berkeley e Astaire (e aliás, o primeiro, é parcialmente devedor de soluções *disneyanas*). Nada do que se fez a seguir, deixa de ter este filme como indirecta matriz. E pode-se sair à vontade do musical e ir, por exemplo, para a "ficção científica". Donde vem o prólogo do 2001 senão da *Sagração da Primavera*?

- b) Por mais coisas péssimas que haja no filme (e há-as, como a já citada *Ave Maria*) a animação abstractizante de Bach, a *Valsa das Flores* do *Quebra-Nozes* o portentoso imaginário da *Sagração*, a imagética *kitsch* da *Pastoral* ou "divina comédia" no Monte Calvo são das coisas mais delirantemente belas que já vi em cinema e a minha paixão por ela não tem limites. Ou seja, palavra por palavra, subscrevo o que Otis Ferguson um dia escreveu: «*Com um final chatíssimo, imensamente ridículo na genuflexão perante a Arte com 'A' grande, FANTASIA é, no entanto, uma das mais estranhas e belas coisas que alguma vez aconteceu neste mundo*» (sublinhado meu).

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico